

Diretor artístico Jorge Davidson reúne histórias de sua carreira no livro de memórias 'Em Sintonia com o Sucesso'

AFFONSO NUNES

Durante três décadas, Jorge Davidson esteve em postos de decisão de algumas das principais gravadoras do país. Passou pela EMI, Sony Music e BMG, ocupou diretorias artísticas e acompanhou artistas que influenciaram a música brasileira a partir dos anos 1980. Essa experiência chega agora ao livro "Em Sintonia com o Sucesso — A arte de revelar talentos na música

Nos bastidores da canção



Jorge Benjor, Herbert Vianna, Ivete Sangalo e Chico Science são alguns dos artistas que trabalharam com o executivo



Acervo pessoal

repertório e linguagem e, sobretudo, entender quando uma aposta requer tempo antes de ser medida pela regra das vendas ou execução pública. Davidson percorre também a passagem de um mercado simbolizado pelo álbum físico para a realidade das plataformas digitais.

Nascido em Salvador e criado no Rio, ele recupera na obra a relação com o futebol de praia em Copacabana, a passagem pela redação da TV Globo e o convívio com ídolos que conheceu antes como ouvinte.

O livro usa essas lembranças para organizar um percurso profissional que vai da chegada à EMI às diretorias das grandes gravadoras, sem separar a história da indústria das canções e dos artistas que ela colocou em circulação.

brasileira", da Gryphus Editora, que será lançado nesta terça-feira (20), na Livraria Argumento, no Leblon.

O livro se propõe a olhar para um trabalho quase sempre invisível no território da canção popular: a mediação entre artistas, grava-

doras, rádio, imprensa e público. Davidson começou como gerente de produto na EMI e ali se tornou diretor artístico; exerceu a mesma função na Sony e foi vice-presidente artístico na BMG e na EMI. Em sua trajetória, cruzou com carreiras como as de Blitz, Os Paralamas do

Sucesso, Legião Urbana, Marisa Monte, Fernanda Abreu, Gabriel O Pensador, Skank, Chico Science & Nação Zumbi, Planet Hemp, Jota Quest e Ana Carolina.

Faz parte do trabalho de um diretor artístico reconhecer uma voz em formação, ajudá-la a encontrar

LINHAS DE FUGA

por ALDO TAVARES

Foucault, 100 anos

O maior começa pelo Menor. Em "A República", de Platão, o Estado age de forma imperceptível, por isso se faz presente no lugar Menor, ou seja, no quarto da criança. Entre a mãe e o filho, o Estado é força maior que se apequena como fábula nobre lida pela mãe. O Estado infiltra-se na casa.

O ápice da extrema direita é Hitler. Bem mais do que um nome, sua voz ecoa a matilha, e um lobo merece atenção: doutor em Filosofia e cérebro da propaganda nazista, ele, por meio de uma linguagem estetizada, colocou o Estado nazista dentro dos lares alemães: Goebbels.

Biógrafo, Peter Longerich escreve o interesse de Goebbels pelo sucesso com a multidão: "Berlim precisa de sensacionalismo, e toda propaganda política que não levar em conta isso está fadada ao fracasso" (p. 90). A maior multidão começa pelo Menor, isto é, pelo cotidiano da família, é lá onde pulsam as sensações, os desejos. Diz Goebbels: "O sentimento social é a exacerbção do sentimento familiar" (p. 63).

Iniciei esta coluna com a extrema direita, e não com Michel Foucault (1926-1984), porque, antes de o nazismo dominar o lugar Maior, ele circulou por lugares Menores. Não há, primeiro,



Reprodução

Qualquer graduação de história neste país, porém, apropria-se da filosofia para deformar Foucault com rótulos

o nazismo, e sim suas graduações, isto é, micronazismos. Chego a Foucault: pequeno movimento do poder ou microfísica do poder. Qualquer graduação de história neste país, porém, apropria-se da filosofia para deformar Foucault com rótulos de ou estruturalista, ou neoestruturalista, ou pós-estruturalista.

Primavera de 1983: "Jamais fui estruturalista" ("Ditos e escritos II", 2025, p. 327), e continua: "Sinto-me embaraçado porque não vejo claramente o que

isso quer dizer, nem mesmo — pouco importa a palavra, sempre se pode usar uma etiqueta arbitrária — qual o tipo de problemas que é visado através dessas palavras" (Ditos e escritos II, 2025, p. 339). Diferente da história, a filosofia não usa etiquetas arbitrárias, não estrangula Foucault com as mãos do período histórico e muito menos sufoca-o com o saco plástico da identidade.

A filosofia pensa conceitos. Cria-os. Aprofunda o conceito de luta. "Marx

diz, efetivamente, que o motor da história reside na luta de classes. E muitos, depois dele, repetiram essa tese. (...). Mas até aqui ninguém examinou nem aprofundou a questão de saber o que é a luta. O que é a luta, quando dizemos luta de classes? Visto que dizemos luta, trata-se de conflito e de guerra? Mas como essa guerra se desenvolve? Qual é o seu objetivo? Quais são os seus meios? Sobre que qualidades racionais repousa?" (Ditos e escritos VI, 2013, p. 197).

Se ignoramos o que é relações de poder, desconhecemos como lutar. Para Foucault, filósofo do poder é Nietzsche ("Microfísica", 1979, p. 143), pois, para além de Marx, o poder serve-se do dualismo a fim de se criar enigmático: visível-e-invisível, presente-e-oculto ("Microfísica", 1979, p. 143).

Assim, na condição de paradoxo, o poder é forte porque produz entre signos contrários efeitos do desejo em lugares Menores, lugares onde a realidade acontece. Por causa do Menor, a extrema direita é maior no Congresso, consequência de uma força semântica desejada por famílias em suas casas.

A extrema direita é vitoriosa, e a oposição permanecerá com o modelo dualista de luta, qual seja, a "luta-contra", aliás, que Goebbels tanto motivava. Ouço Foucault: "Uma coisa é determinante: que o marxismo tenha contribuído e contribuiu, sempre, para o empobrecimento da imaginação política" ("Ditos e escritos" VI, 2013, p. 190).